

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º a entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 916	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Janela, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 29 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
	36 n.º	18 n.º	9 n.º			
Portugal (franco de porte, (m. forte)	38800	18900	8900	8120	10 DE JUNHO DE 1904	
Possesões ultramarinas (idem)....	40000	20000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	50000	25000	—	—		



S. A. O SENHOR INFANTE D. MANUEL

Alistamento na armada de Sua Alteza o Sr. Infante D. Manuel

Na briosa corporação da armada, cujas tradições honrosas estão brilhantemente registradas nos fastos da nossa gloriosa historia maritima, tem, desde o dia 1 do corrente, logar distincto entre os guardas-marinhas o Sr. Infante D. Manuel.

O nome do joven Infante entre os dos futuros officiaes da nossa marinha de guerra é não só como que um symbolo a recordar uma das epochas da nossa maior grandeza e preponderancia nos mares, como uma garantia do interesse que S. M. El-Rei dispensa á Armada Real Portugueza

e uma affirmação de que tambem confia que o futuro de Portugal esteja no mar e nas colonias, como do mar e das colonias irradiou o nosso florescente passado, que ainda apesar de tão remoto é a aureola que circunda o nome portuguez a tormal o digno respeito e da consideração das grandes potencias civilisadas.

Tomando o exemplo de sua illustre avó, a excelsa soberana Sr.ª D. Maria II, El-Rei o Sr. D. Carlos tornou memoravel a data de 1 de junho de 1904 para os annaes da Escola Naval, como memoravel havia sido a de 28 de outubro de 1846, em que, n'aquella mesma sala, onde prestou juramento o Sr. Infante D. Manuel o prestára o Infante D. Luiz para, passo a passo, conquistar todos os postos da hierarchia da armada, tornan-

do-se distincto nos commandos do brigue *Pedro Nunes* e da corveta *Bartholomeu Dias*.

A cerimonia do alistamento do Sr. Infante D. Manuel não podia ser nem revestida de maior solemnidade, pela numerosa e selecta assistencia em que se contava o almirante Barker, o chefe da grande esquadra americana ancorada actualmente no nosso porto, rem mais tocante e commovedora para o joven principe que no acto mal poudo articular essa sacrosanta palavra que o prendia para sempre, por laços indissoluveis, á defeza da Patria.

Foi terminada a cerimonia do juramento e quando a familia real entrou por alguns momentos no gabinete do commandante da Escola Naval, sr. Cesario de Lacerda, que este offereceu a Sua Alteza o Sr. Infante D. Manuel a carta régia autographa nomeando-o aspirante da marinha.

Esta carta é um diploma lavrado em pergaminho, sendo as ultimas linhas escriptas pelo proprio punho de El-Rei e do seguinte teor:

«Serenissimo Infante D. Manuel, etc. Eu Dom Carlos, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc., vos Envio muito saudar, como aquelle que muito Amo e Présco;

Desejando que no vosso coração seja alimentado o sagrado fogo do amor da Patria, de que os Principes devem servir de exemplo e modelo, pela recordação dos gloriosos fastos maritimos com que Meus Antepassados eternisaram na Historia e fizeram respeitar em todo o mundo o nome portuguez;

Comprazendo-Me em Dar-vos um testemunho do extremo affecto que vos consagro e da profunda estima que Tenho pela vossa Pessoa, e querendo, finalmente, dar á briosa e illustre corporação da armada mais uma publica e solemne prova da sympathia e consideração em que Tenho os seus relevantes serviços e constante dedicação;

Hei por bem e Me apraz nomear-vos, como por esta carta Vos nomeio, aspirante da Armada Real Portugueza;

Serenissimo Infante D. Manuel, etc. Meu muito Amado e Presado Filho. Nosso Senhor Haja a Augusta Pessoa de Vossa Alteza Serenissima em sua continua guarda.

Escripto no Paço das Necessidades, em 3o de Maio de 1904. — De vossa Alteza Serenissima — Extremoso Pae — (a) CARLOS. — (a) Manuel Raphael Gorjão.»



Chronica Occidental

Depois d'uns dias de descanso em Coimbra, onde por alto me chegou aos ouvidos noticia de factos mais ou menos insignificantes que deram azo ás senhoras visinhas de Lisboa para desenferujar as linguas, volto á capital, onde já de tal ninguem me falou, outros assumptos havendo de maior curiosidade que discussões de logares no Arsenal de Marinha, quando da entrada do Sr. Infante D. Manuel para a Escola Naval.

Por pouco se mexem os animos. Tambem na linda cidade de Coimbra, onde as aguas do Mon-

dego deslizando serenas, e os rouxinoes cantando nos salgueiraes e nos copados arvoredos de Santa Cruz, e os edificios velhos, solemnes com suas recordações historicas, todos parecem pregar a paz, tambem em Coimbra, onde Ignez de Castro gosava tamanho socego e tranquillidade, na epoca mais feliz do anno, quando as aulas fecham, foi a paz quebrada pela Severa e por seu desempenho. Uns applaudiram, outros patearam, questão puxa questão, e houve sangue derramado, não dos peitos felizmente, mas de varios queixos e narizes.

Quer dizer que ha sangue, o que já não é mão. Alegre tempo é este para os estudantes da Universidade, quando as aulas acabam, férias de ponto, que este anno começaram no mesmo dia para todas as faculdades, acabando-se assim com o antigo e muito incommodo uso das latadas.

Na Alta rasgaram-se muitas batinas de quintanistas e houve a costumada queima das fitas depois d'uma parodia á tristeza das ultimas batalhas de flores. Nesta de agora até havia, terminando o cortejo, uma carruagem enfeitada com cyprestes, levando o cocheiro no chapéu o fumo a esvoaçar d'um gato pingado. Mais divertida foi com certeza do que muitas batalhas que vimos na Avenida. A gravidade era menor e emquanto a luxo quasi o mesmo.

No dia do Corpo de Deus realisou-se na Figueira a toirada dos quartanistas que se atiraram valentemente e com uma inconsciencia pasmosa á valentia d'uns oito garraios dos quaes levaram pancada sem consequencias graves. Uma enchente na praça, outra ainda maior nos comboios, muita gargalhada, mas nada que afinal ficasse para contar.

As saudades virão depois, quando os annos passarem e os que hoje menos cuidados sentem virem ao espelho os cabelos embranquecidos e sentirem abalados nos queixos os dentes que hoje tão avidamente mordem a maça do prazer. Então até o Pad-Zé fará considerações philosophicas sobre a rapidez dos annos e os desenganos da vida.

Lá teve elle agora muitos com quem podia informar-se. Em Coimbra se reuniu, ha dias, o curso theologico juridico de 1879, festejando o vigesimo quinto anniversario do encerramento de suas aulas.

Com que profunda saudade recordariam seus bons tempos, quando o sr. arcebispo de Evora, que presidia ao banquete, se ergueu saudando os seus antigos companheiros! Respondeu-lhe o lente da Universidade, sr. Fernandes Vaz, seguindo-se depois varios brindes todos correspondidos com entusiasmo.

Vinte e cinco annos! Um quarto de seculo! Sahiram de ali creanças, voltam quasi uns velhos!

Um faltou que seria dos mais festejados decerto; por triste motivo faltou, mas não foi dos outros esquecido. Por morte de sua mãe não ponde comparecer n'aquella festa o sr. conselheiro José de Alpoim a quem foi enviado por seus antigos condiscipulos um telegramma manifestando-lhe seu pesar pela ausencia motivada por tão luctuoso acontecimento.

Foi uma festa de paz.

Mas já esta tambem aqui viemos encontrar em Lisboa.

O sr. contra-almirante Guilherme Capello deixou effectivamente o logar que occupava de director geral de marinha, no qual foi substituido pelo sr. contra-almirante Cypriano Lopes de Andrade. O sr. Capello foi nomeado presidente da commissão encarregada de dar parecer sobre a reconstituição do material de guerra naval. Para o logar que occupava de presidente da commissão technica de artilharia naval foi nomeado o sr. contra-almirante Augusto de Castilho.

Por esta forma se desfez a nuvem que ensombrou a entrada do sr. Infante D. Manuel para a Escola Naval.

Brevemente na folha official deve vir publicada a carta regia que o nomeia aspirante de marinha.

Seja elle tão afortunado como seu avô de que tem o nome; mais se lhe não pode desejar.

A importancia da marinha de guerra, de que allas poucos duvidaram, demonstrada ficou na guerra de Cuba e muito mais agora o está sendo na grande lucta que vai travada entre a Russia e o Japão.

Dizem alguns que os japonezes estão cahindo no laço que os russos lhes armaram e que estes, não tardará, estão á bica de obter uma espantosa victoria, quando os apanhem n'um certo sitio que elles lá sabem. Ainda não ha muitos dias, vimos traduzido n'um jornal portuguez um espirituosissimo artigo a este respeito.

Um ultimo telegramma traz a opinião do conde Keyserling sobre a resistencia possivel de Porto-Arthur. Diz elle que a fortaleza póde por um longo prazo resistir a um cerco ainda que seja de cento e cincoenta mil homens, que os japonezes já dispuzeram de todos os seus recursos e não tem reservas, e que toda a actividade que mostraram provém do receio que chegue ás aguas do Japão a esquadra do Baltico.

Este revela-se optimista, mas, como todos os optimistas russos, não merece credito.

Outro telegramma dizia que os japonezes perderam dois couraçados e um torpedeiro; mas tal noticia ainda posteriormente não foi confirmada.

Cheios de bravura, tem morrido em seu posto russos e japonezes. Mortes dignas de soldados são essas. Maior compaixão nos fazem os que a morte levou aqui entre nós, no drama que nos tribunaes teve agora seu epilogo.

O cabo 115 da guarda municipal que ha poucos dias assassinou o capitão e o alferes da sua companhia, acaba de ser julgado pelo tribunal militar, que com elle usou de todo o rigor da lei. E' mais um desgraçado que padecera toda a vida por um momento em que a colera lhe ofuscou de todos os sentimentos. Levou-o áquella loucura o amor ao dinheiro. E' este seu lado menos sympathico. O homem emprestava dinheiro a quatro por cento ao mez, como qualquer honrado preguista de Lisboa.

Mas tempo é de falarmos de coisas de paz, não sabendo eu se virá aqui a proposito mencionar a nova triplice alliança de que se fala, formada pela Inglaterra, Estados Unidos e Japão.

Accrescenta o telegramma que o boato não tem fundamentos serios.

Entre varios commentarios, porem, mais se accrescentou que os Estados Unidos cederão aos japonezes as Filipinas, obtendo em Marrocos um porto.

Terá que ver com estas noticias a estada da esquadra americana no Tejo?

Ao ponto de interrogação responde a officialidade alegrando a alta sociedade de Lisboa em festas e mais festas que promove ou de que é motivo. A mais bella de todas foi o baile que se realisou em casa do ministro dos Estados Unidos que dispõe no palacio do Marquez da Foz das mais bellas salas de Lisboa. Estiveram presentes toda a familia real, o corpo diplomatico, familias da corte e o que ha de mais elegante na sociedade portugueza. A ultima valsa realisou-se era já sol fóra, ainda com a maior animação.

Outra festa mais intima não quiz a boa sorte que se realisasse. Era a de todos os amigos de Bulhão Pató que o esperavam ansiosos por abraçá-lo á sua chegada dos Açores. Sua esposa, porém, fóra accomettida por uma pneumonia dupla, noticia que veio ao querido poeta transformar no maior dos cuidados a alegria da sua chegada. Longe da sua pequenina casa encantadora, na paizagem risonha de Caparica, entre as festas dos amigos e ovações com que o receberam, em S. Miguel aqui lhe ficara o melhor de seu coração.

E acabaremos com uma boa nova: a enferma melhorou só de vê-lo. Longos, felizes-annos de ventura tem o poeta para viver.

João da Camara

ESCOLA ACADEMICA

(Inauguração do pavilhão escolar)

No meio anarchisado e anarchisante da instrucção publica portugueza dos nossos dias, é devéras consolador e salutar assistir a alguma festa que n'elle ponha momentaneamente um pouco de coordenação e um bocadinho de claridade.

Tal foi a que em 29 de maio, um lindo domingo cheio de sol e de cor, se realisou no velho instituto de ensino particular, conhecido pelo titulo d'este artigo, e a que me foi dado o inestimavel prazer de assistir.

Inaugurava-se uma nova e ampla installação n'essa escola, que a tenacidade intelligente do filho e successor de Antonio Florencio dos Santos tem procurado melhorar sem descanso, e um legitimo e bem ganho successo acaba de coroar brillantemente mais essa tentativa realisada.

O dr. Jayme Mauperrin Santos, medico e lente cathedratice d'um curso superior, estava, como raros, preparado á maravilha para desempenhar o papel que as circumstancias lhe distribuiram, e pela cultura do seu espirito, pela natureza da sua



DR. JAYME MAUPERRIN SANTOS

profissão e até pelo conjuncto das suas qualidades pessoais, reunia os predicados necessarios para ser um director escolar modelo, o que por felicidade os factos se tem encarregado de demonstrar.

N'uma terra onde a liberdade de ensino funcionando simultaneamente com a respectiva responsabilidade profissional e moral fosse cousa diversa d'uma simples invocação rhetorica, a obra que o dr. Jayme Santos vem realisando ha annos, já haveria merecido dos publicos poderes o devido louvor e a correspondente coadjuvação, aqui, onde o que por ora mostramos saber fabricar com maior ou menor limpeza, se resume em sabios de encomenda e em legisladores por atacado, ella passa despercebida, e, quando muito, merecerá alguma vez uma portaria burocratica registando com os devidos adjectivos o estado de asseio e demais miudezas que o olho olympico do Estado lá houver descoberto.

Todos sabemos com effeito, por uma dolorosa experiencia pessoal, o que venha a ser o ensino entre nós, e passa já como axioma que de cada vez que resolvem bolir-lhe, tem sempre sido para o deixar peor...

A ultima reforma secundaria, por exemplo, apesar de racional e comprehensiva nos seus topicos geraes, de tal modo foi alinhavada e posta em pratica, que segundo businam por ahi de todos os lados, está já a descoser-se ponto por ponto.

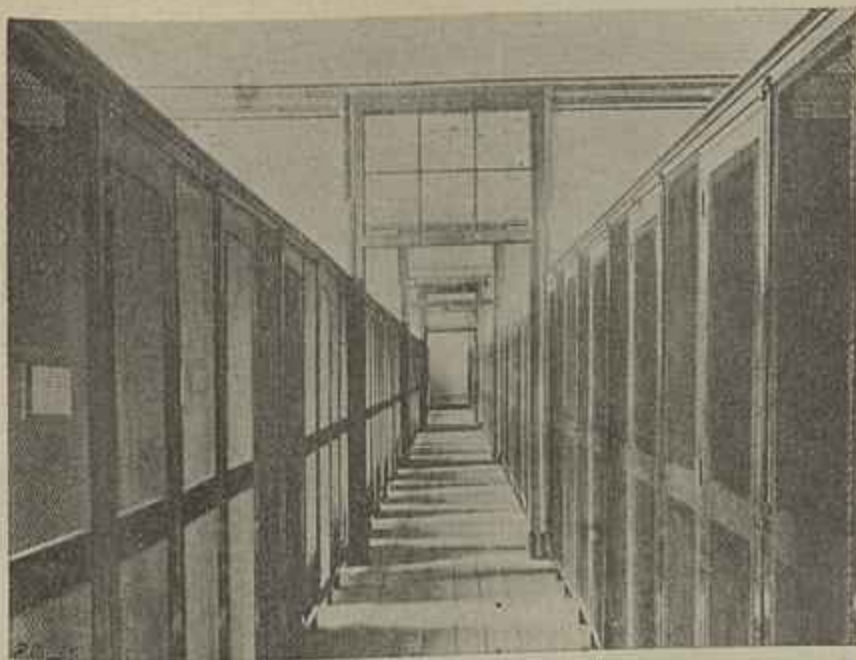
O ensino primario mantém-se em parte o que tem sido, quer dizer, incompleto — e máu, e o superior parece-se com os outros dois...

N'estes termos, aquelles que na ordem de idéas do dr. Jayme Santos procuram effectuar ou effectuam alguma cousa diferente e com visos de racional, tem já a que pelo menos lhes não regateiem applausos, os quaes no caso presente a unica cousa que eu lamento é que sejam meramente platonicos e em nada mais se traduzam que em palavras embora sinceras...

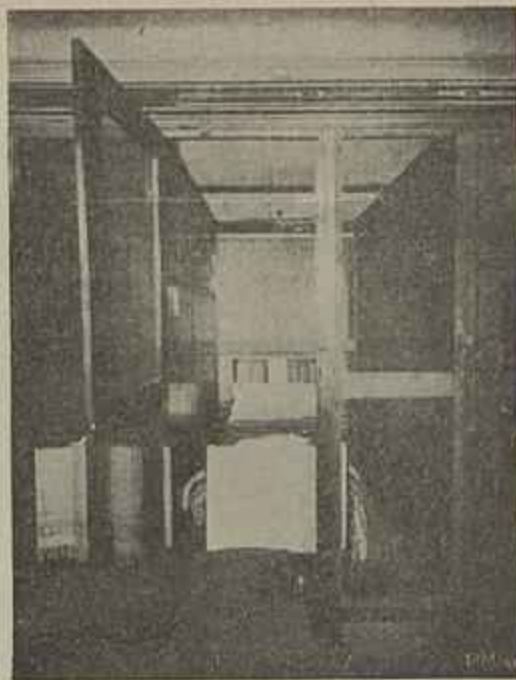
Assim, porque unicamente me é possivel consignar-lhe o meu publico testemunho de admiração, quero todavia fundamentar esta, dizendo como ella me brotou no espirito e me aqueceu o coração.

E' corrente, e de modo algum será inutil, assistirmos ás festividades escolares de character meramente litterario, em que alguns alumnos de elite nos vem dizer os seus versos, os seus dialogos, as suas lições, mostrar-nos enfim os seus talentos, mas começa modernamente a completar-se tudo isto com uma outra ordem de *prend's* que a todos devem provocar o mais incondicional elogio: — venho a referir-me aos exercicios physicos, aos diversos generos do *sport* visando a dar ao corpo elegancia, flexibilidade e resistencia.

A propria Escola Academica se desvaneca, com razão, de já em 1865 haver iniciado a pratica da gymnastica n'um sentido logico e n'uma orientação scientifica e não como exhibição de acrobatismos de circo ou de contorsões clownicas, e ja jurar que ella foi a primeira a tentá-lo em Portugal, pois que por muito estranho que isto pareça, ainda ha de haver por ahi quem se lembre de ter ouvido na conspicua camara dos pares a eloquencia de um fallecido prócere verberar entre indignada e motejadora a tentativa de introdução de taes materias no programma geral do ensino portuguez.



ESCOLA ACADEMICA — AS CAMARATAS



INTERIOR DE UMA CAMARATA

Ora, se já em 1865, os antecessores de Jayme Santos atacavam o problema, elle agora desenvolveu-o e não somente tratou de adextrar os rapazes na mais racional eurythmia de todos os movimentos do corpo como se propoz a cultivar numerosos novos e lembrando-se avisadamente que já na velha Grecia a dança era honrada como uma cerimonia hieratica e civica, quiz que os seus alumnos travassem conhecimento com os complicados e graciosos canones da arte de Terpsychore, e apercebeu-os com mais este auxiliar importante no cultivo da sociabilidade.

E assim nós vimos theorias de ephēbos descrevendo em evoluções sem fim aspectos de valsas de polkas, de quadrilhas, obedecendo a essa linha ideal da esthetica que é o suprasumo de todo o esforço d'arte...

Esta mesma impressão a fizeram nascer os exercicios elementares da gymnastica sueca e allemã, realisaos com uma perfeição notavel, o tão caracteristico e tão nacional jogo do pau, a subtil e distincta filigrana alada que é a esgrima, e quero crer que se na escola houvesse uma grande piscina ou um vasto lago, e juntamente uma extensa pista, veriamos tambem specimens d'esses salutares exercicios da natação ou de remo de equitação ou de pedestrianismo...

Tambem a musica, a divina poesia dos sons, não foi esquecida, e todos tivemos ensejo de ouvir trechos denotando que ha lá quem procure cultivar-a com amor...

Agora perguntar-me-hão a que vem propriamente tudo isso n'um estabelecimento didactico? e aqui é que em verdade principia a obra pessoal do dr. Jayme Santos, pois que ao passo que d'antes e porventura ainda para muitos todas estas disciplinas eram relegadas para a esphera das coisas que se aprendiam por incidente, como um dispensavel ornato d'aquelles que se queriam dar esse luxo, hoje, e na escola sob a direcção do distincto professor, tudo isto faz parte natural e complementar do ensino e constitue mesmo uma especie de prefacio ás materias que posteriormente hão de solicitar a attenção dos juvenis cerebros confiados á sua guarda.

Lá o exemplificou elle completando a velha divisa da escola, com o nunca demais citado aphorismo do *mens sana in corpore sano*, e com as sobrias mas lucidas e suggestivas palavras com que agradecendo aos principes a sua assistencia aquelle acto, de certa maneira explicou o pensamento d'elle.

Já n'outra parte e a proposito de uma festa analoga que a Escola Academica celebrou na sala da Sociedade de Geographia eu falei na orientação que o dr. Jayme Santos, com a efficaz e competentissima cooperação do dr. Antonio Dias da Silva, imprimiu a todo o ensino ministrado na escola e no curso commercial que teve a gloria de crear, e vagamente alludia a outro em vespéras de ser aberto.

Hoje este curso, o colonial, já por equal lá funciona e é de esperar que volvidos alguns annos pela primeira vez na nossa terra, saiam d'uma escola de character theorico, umas duzias de rapazes praticamente habilitados a ganhar a vida entrando desde logo nos conflictos d'esta sem grande necessidade de largos e incertos tirocinios...

Tudo isto se me affigura digno de meditação e de estudo, e se aquelles que são paes quizerem ou souberem comprehender a lição que lhes dá o dr. Jayme Santos, mesmo quando não desejem ou não possam aproveitar directamente para os seus o resultado d'ella, poderão pela propaganda, pela união, pela energia conseguir que alguma vez, ainda, se pense a serio na instrucção nacional convertendo-a no que ella deve ser, para o que bastará generalisar e variar segundo as especialidades os typos dos cursos funcionando na Escola Academica, e dando-lhes sempre o character pratico e simples que é mister tenham para produzirem fructo.

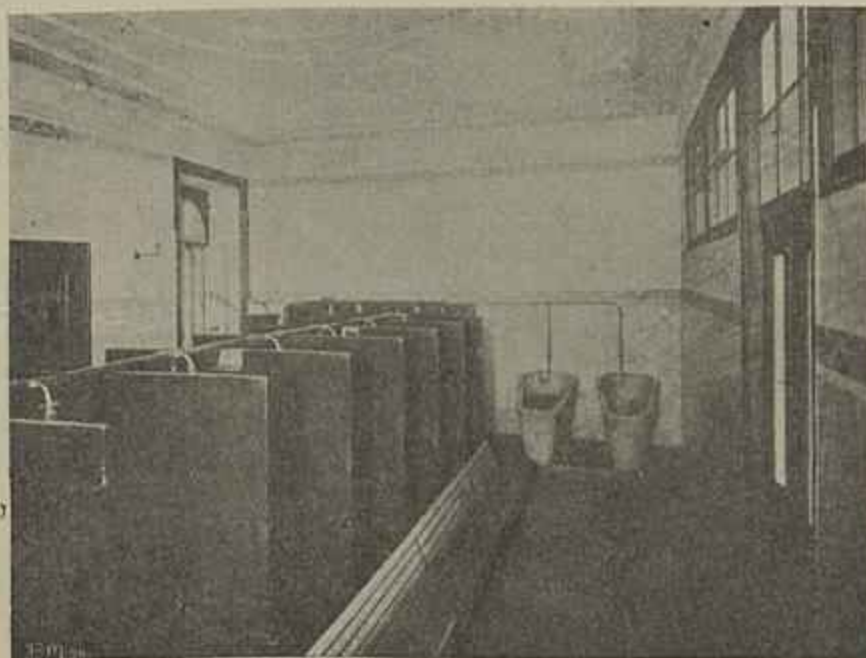
Com isto não pretendo significar que devam acabar os cursos de natureza abstracta e de pura especulação philosophica, pois que, com Fouillée, penso que hoje mais do que nunca se torna indispensavel inocular em todos os espiritos em via de formação o sagrado culto do Ideal, e o Amor sincero e inextinguivel da Justica, da Verdade, da Concordia; mas para isso sempre ha ensejo desde que professores e directores sejam o que devem ser, e quer nas festas annuaes, quer em cere-

monias adequadas que conviria instituir e multiplicar, não faltariam oportunidades para lancar em taes espiritos os germens fecundos de todos os grandes principios que caracterizam uma civilisação e formam uma patria.

Isto mesmo, com a differença de estar vasado em conceitos superiores aos d'esta minha descolorida prosa, dizia não ha muito uma grande auctoridade, o antigo ministro francez Georges Leygues, e dil-o-hão quantos, assistindo outro dia á edificante festa que me inspirou as presentes linhas, conseguiram por um instante visionar o que seria a nossa formosa terra, se, a principiar nos dois lyceus da sua capital, que são o que se sabe, e a acabar na mais modesta escola da ultima das suas aldeias, que deve ser o que não haverá coragem para descrever,—se pozesse em pratica o pensamento fundamental a que se ve tem obedecido o actual director da Escola Academica.

Nem todos lograrão construir pavilhões tão bellos e tão proprios ao fim a que se destinam, como este em que centenas de pessoas tiveram logar, mas todos poderão, dado que queiram, obter identicos resultados, pondo ao serviço d'esta idéa—mãe. a Educação Nacional, a mesma firme vontade de que é testemunho concludente aquillo que vimos—e que applaudimos.

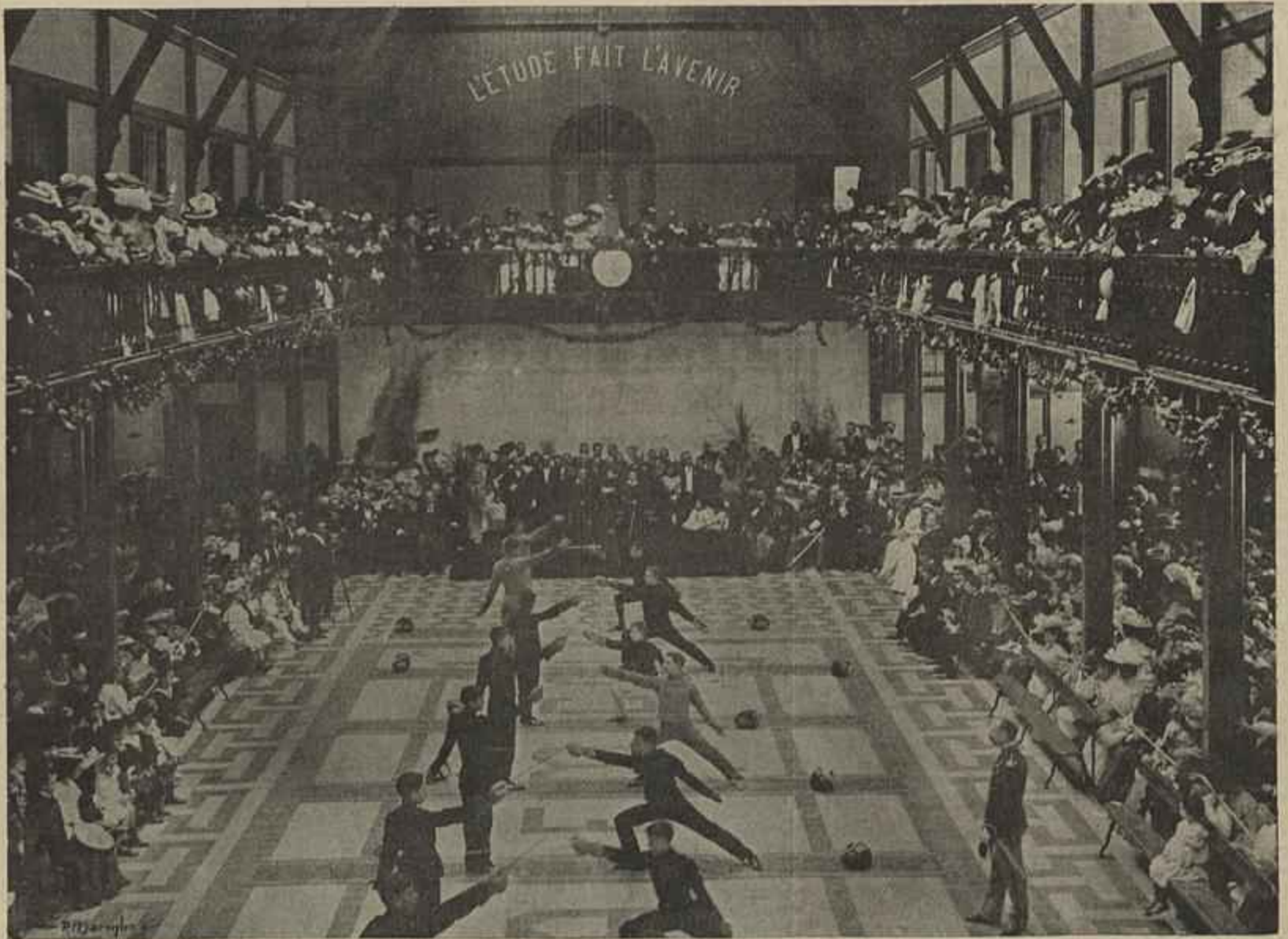
Affonso Vargas.



ESCOLA ACADEMICA — CASA DE BANHOS



CORPO DOCENTE DA ESCOLA ACADEMICA



O PAVILHÃO DA ESCOLA ACADEMICA INAUGURADO COM A ASSISTENCIA DE S. S. A. A. O PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE E INFANTE D. MANUEL.
— EXERCICIOS DE ESGRIMA PELOS ALUNOS
(Photographia do sr. J. M. Silva)

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes



ALLEGORIA A BEETHOVEN — Quadro de J. Malhã
Decoração para a sala de musica do sr. Michel Angelo Lambertini



ORAÇÃO
Estudo de D. Julia Pinto



SOUBRETTE
Estudo a aguarella de Alfredo Guedes



UM ESTUDO — Desenho a pastel de D. Emilia Santos Braga

Jubileu do «Commercio do Porto»



DR. HENRIQUE CARLOS DE MIRANDA



BENTO DE SOUSA CARQUEJA

Fundadores do «Commercio do Porto»

O jubileu do «Commercio do Porto»

Começaram no dia 1 e tiveram successão no dia 2 as festas do jubileu, em que o *Commercio do Porto* commemorou as suas bôdas de ouro, quinquagesimo anniversario da sua fundação.

O OCCIDENTE associando-se sincera e ardentemente ás felicitações que de todo o paiz tem sido dirigidas aos illustres proprietarios e directores do *Commercio do Porto*, sauda affectuosamente o seu illustre collega da imprensa periodica onde occupa um dos logares mais proeminentes pelas suas tradições.

O 1.º numero publicado em 2 de junho de 1854 chamava-se simplesmente *O Commercio*, e foram iniciadores na empresa os srs. Manuel de Sousa Carqueja, filho de um honrado industrial e que exercia a vida mercantil, e o sr. dr. Henrique Carlos de Miranda, formado com um curso scientifico pela Universidade de Coimbra.

Ambos trabalhando com afincio e completando-se, lançaram desde logo os seguros alicerces em que se fundou a feliz empresa que, acompanhando criteriosamente o movimento do seculo, chegou a ser o que hoje é: uma propriedade valiosissima, que tem no maior grau de prestigio publico e de independencia pelos bens da sua fortuna, os srs. Francisco de Sousa Carqueja e Bento Carqueja.

Desde logo o jornal tornou-se um importante orgão do commercio do Porto e seguindo sempre, nos seus 50 annos de existencia, a mesma linha de conducta, é nas suas columnas que a classe mais predominante na capital do norte tem encontrado a defeza dos seus vitaes interesses.

Mas não é só a esta classe que o *Commercio do Porto* presta os seus serviços. A beneficencia tem occupado uma grande parte da sua missão civilisadora e a pobreza occulta, a pobreza envergonhada, tem encontrado nos proprietarios do *Commercio do Porto* dedicados e devotados protectores, promptos sempre a minorar a dôr da miseria e a estancar as lagrimas do soffrimento.

Um appello á caridade publica pelo *Commercio do Porto* a favor de qualquer desprotegido da fortuna, é logo correspondido.

Isto diz eloquentemente dos principios altruistas que synthetisam *O Commercio do Porto* e do prestigio que os seus proprietarios gosam na cavalheirosa cidade.

Mas ha mais.

A empresa do *Commercio do Porto* não esquecendo os que de qualquer maneira lhe prestam os serviços da sua intellectualidade ou das suas aptidões manuaes, garante-lhes o seu futuro como compensação, e este edificante e consolador exemplo, faz com que todos devotadamente e do coração trabalhem pela prosperidade d'essa providente instituição, porque a acção moral que esta recompensa no futuro exerce no espirito de cada individuo, faz com que elle olhe o trabalho não como uma permuta de occasião por um salario qualquer, mas como um serviço que virá a ser galardoado mais tarde na doença ou na inhabilidade.

Então a familia não ficará sem pão e a pobreza não será tão negra.

Muitos melhoramentos que tem hoje a cidade do Porto deve-os áquelle jornal.

A construcção de bairros operarios¹, as escolas moveis agricolas, a conclusão do grandioso edificio da Academia Polytechnica e tantos outros empreendimentos, assignalam a existencia do *Commercio do Porto* e são a sua historia utilitaria e fecundante.

As festas, pois, do seu jubileu em que collaborou toda a cidade do Porto e em que todas as classes confraternisaram n'uma homenagem espontanea, sincera e effusiva, constituem uma apothose unica, nunca até hoje presenciada em parte alguma em honra de um jornal, se bem que elle represente condignamente a nobre instituição da Imprensa.

R.

ESTUDOS SOCIAES

Alvitres para a instituição de uma Caixa nacional portugueza de pensões

Pro bono publico: — O mal-estar geral, que se manifesta nas inferiores camadas da moderna sociedade, e que o proletariado desprotegido attribue ao regimen politico, que o governa, é sem contestação, proveniente da má administração

publica, e de profundos erros de economia social; por isso o povo, soffrendo esse mal-estar, anela por mudar de systema politico, na lisonjeira esperanza de assim mudar para melhor a sua actual precaria situação — *desideratum* duvidoso, que, talvez, com a sua tão esperançosa transformação, não alcançaria.

Repressão e concessão; isto é: reprimir a tempo, mas conceder a tempo — é o aphorismo prudente dos governos fortes; mas os governos fracos e tibios, tem de conceder mais tarde, o que deveriam ter concedido mais cedo, sendo-lhes depois extorquidos á força, e violentamente, as concessões, antes solicitadas, seguindo-se logo as successivas e tumultuarias exigencias da anarchia insaciavel.

Não se pôde deixar de reconhecer e lamentar, que as classes proletarias e as desfavorecidas de fortuna, poucas melhorias ou vantagens do progresso tem obtido. Ha grande desigualdade na distribuição de beneficios pela prestação de serviços. Todas as recompensas officiaes são exclusivamente para certas classes privilegiadas da mediania, e jerarchia superior, emquanto as classes de ordem inferior, ficam esquecidas ou menosprezadas: e contudo estas tem indiscutivel jus para serem igualmente attendidas e consideradas.

Aos servidores do Estado, civis, militares e ecclesiasticos, garantem as leis do reino, direito a aposentações, reformas e pensões: emquanto os proletarios e os que não occupam posição official, mas que tambem são servidores do Estado — porque todos os que trabalham, servem o Estado — esses párias são excluidos e privados de taes beneficios.

Entretanto a equidade, a justiça e a moralidade ordenam que se proveja tambem ao bem-estar dos esquecidos e desprezados.

O medico e o sacerdote, que no furor das epidemias, succumbem, em prol da humanidade; o soldado e o marujo, que são victimas no serviço ou defeza da patria; o pescador ou o marítimo, que perecem na sua faina; o caixeiro, o homem do campo, o operario, aquelles que servem o Estado ou a comunidade: finalmente, todos os que trabalham ou trabalharam, — tem inalienavel direito á retribuição social, ao seu futuro garantido.

O futuro do proletario, que tem a infelicidade de pensar, é profundamente desanimador, pois

¹ Vide OCCIDENTE n.º 847 de 10 de julho de 1902.

antevê, na velhice, a miseria, e no horisonte a doença, e o hospital, que é a ponte de passagem do pobre para o cemiterio.

A idéa ousada de diligenciar sarar algumas das pustulas sociaes, e de evitar, quanto possível, que se castiguem nas familias innocentes, a incuria ou a prodigalidade, ou a imprudencia de seus chefes, que não entraram para monte-pios, ou não fizeram seguros de vida — são o objectivo do seguinte plano, ou projecto para a instituição de um grande monte-pio, ou *Caixa nacional portugueza de pensões*.

CAIXA NACIONAL PORTUGUEZA DE PENSÕES

(Projecto)

Todos os individuos portuguezes, de qualquer ordem social ou jerarchia, que tenham proventos ou rendimentos conhecidos ou presumidos, desde o grande proprietario e rico capitalista, até aos mais humildes aprendizes de officio, marcanos de commercio e moços de lavoura; os que auferem ordenados, soldos, salarios ou quaesquer rédem, seriam todos obrigados, por lei, a concorrer com a sua quota parte para a Caixa Portugueza de Pensões.

A quota ou contribuição annual seria, por exemplo, de dois por cento, sobre todos os rendimentos; podendo esta percentagem ser augmentada ou diminuida, conforme as exigencias futuras da Caixa; e o pagamento das quotas mensal ou semanal, segundo a qualidade e localidade dos contribuintes.

A pensão, a que tiver direito o contribuinte, nos casos de a receber ou legar, seria de tanto por dia, quanto fosse a quota mensal com que contribua. Por exemplo: um contribuinte, cujos proventos foram computados em 480.000 réis por anno, e sendo a sua quota annual de dois por cento 9.600 réis, portanto a quota mensal de 800 réis, seria por consequencia a sua pensão de 800 réis por dia.

Todo o contribuinte teria a gosar, em vida, a pensão correspondente á sua quota: Por doença temporaria, e por inhabilidade physica ou moral, tudo comprovado pelo medico, parochio e auctoridade administrativa.

O pensionista continuaria a pagar a sua quota respectiva, que pagava na occasião em que lhe foi deferida a pensão.

São habéis a fruir pensão:

O proprio contribuinte, nos casos, já ditos, de doença e inhabilidade, e quando atinja a idade de 50 annos;

As viúvas, sem filhas — a totalidade da pensão;

A viúva e filhas — accumulativamente;

Filhas — na totalidade;

Filhos — orfãos, até aos 18 annos.

Não se poderia antecipar direitos de pensão, nem augmentar, diminuir, ceder, ou legar quaesquer direitos á mesma pensão.

Seriam isentas, por lei, da contribuição: os indigentes, os rapazes até aos 14 annos, e as raparigas até aos 12.

O minimo da quota contributiva seria de 50 réis por semana.

As pensões seriam pagas na razão da quota que o contribuinte pagava, tres annos antes da época em que ella vae ser conferida; e quando o contribuinte não tenha ainda completado esse tempo de inscripto, a pensão seria na razão da quota, que principiou a pagar.

Não pode gosar ou deixar pensão o contribuinte que tiver rendimento ou provento superior a 480.000 réis, por anno; e, quando o rendimento do contribuinte seja inferior a este *maximum* de 480.000 réis annuaes, teria o pensionista a differencial entre o dito rendimento e o *maximum* de 480.000 réis.

As quotas pertencentes a artifices, operarios, jornaleiros, e trabalhadores do campo, serão deduzidas de suas ferias semanais pelos patrões, ou quem lhes paga, e por este entregues aos respectivos cobradores, e por seu turno aos recebedores de comarca ou seus propostos.

A gerencia da Caixa Geral de Pensões seria absolutamente official. O ministro da fazenda seria o presidente nato da administração central da Caixa Nacional Portugueza de pensões, tendo uma repartição especial no respectivo ministerio, e sendo a sua gerencia e fiscalisação exercidas pelos delegados do thesouro, nos districtos, e escriptões de fazenda nos concelhos.

Desde que o pagamento das quotas seria obrigatorio, isto constituiria um imposto, e, portanto uma lei sancionada em Côrtes.

Este projectado systema de auxilio mutuo tem

por fim de tornar obrigatorio o bem estar do menos favorecido da fortuna, e garantir-lhe o futuro, assim como é tambem obrigatorio o seu encargo pecuniario: mas sendo a quota facultativa, poucos individuos se inscreveriam; é uma despesa obrigada, mas para garantir, especialmente, ao pobre, ao proletario, o seu futuro, mesmo a seu pezar, quer elle queira ou não.

Se o direito publico e as leis sociaes obrigam todo o cidadão a contribuir com a sua quota parte (os impostos) para as despesas geraes do Estado, todos devem, com melhor vontade pagar a quota, que reverte em beneficio proprio ou dos seus.

O operario, o proletario portuguez, ou é avaramente economico, d'estes poucos, com a idéa fixa de poupar, e guardar para a velhice, ou então, e mais geralmente, é gastador e descuidado do futuro. Com a avareza do primeiro não lucra o commercio, nem as artes, porque elle evita todas as despesas que não sejam as indispensaveis para a sua mesquinha subsistencia: mas estabelecida a Caixa Portugueza de Pensões, o contribuinte, já sem receio do futuro, que antevê garantido, affeito gosará os divertimentos e comodidades da vida moderna, com manifesta vantagem do commercio e das artes. O temor do futuro nos homens de trabalho pobres, traduz-se no seguinte dilemma: Ou egoismo cynico do avaro, ou desanimo do gastador.

Esta projectada instituição baseia-se no beneficio lemma: *Invalidum validus sustinet*, isto é, paraphraseando-se; que o rico deve auxiliar o pobre, que o favorecido da fortuna deve proteger o desfavorecido: pois a sua existencia e continuidade pode considerar-se, de futuro, garantida, porque os seus encargos serão cobertos pela grande importancia das quotas recebidas dos contribuintes, em grande numero, que tem rendas ou proventos superiores a 480.000 réis, grandes contribuintes que não tem direito a pensões ou subsidios, que, sómente, fruiriam na infeliz, e contingente eventualidade de baixarem de réis 480.000 os seus renditos. Estes grandes contribuintes, sem onus para o monte pio, seriam o grande sustentaculo d'esta instituição.

Encoberto com a idea caritativa e philantropica d'esta projectada instituição, se abriga um principio de politica eminentemente conservadora; porque os desfavorecidos de fortuna, que são sempre os seduzidos pelos revolucionarios e desordeiros, estando interessados nos beneficios da caixa das pensões, não attenderiam, nem escutariam as sugestões dos discolos perturbadores do socego publico, temendo tomar parte em movimentos subversivos e revolucionarios, que podessem perturbar a ordem, e comprometter o seu futuro já assegurado. A *Caixa nacional portugueza de pensões* poderia ser uma garantia de boa ordem para o povo, de tranquillidade para o chefe do Estado e de conservação para as instituições.

F. S.

UM DUELLO SINGULAR

Antes de ser atacado por essa dolorosa e singular doença appellada de *ataxia locomotora*, Anatolio d'Y... era o que se chama um bom folgasão.

Filho d'um official superior do primeiro imperio foi submettido, desde creança, a todos os exercicios physicos.

Aos sete annos nadava como um peixe; aos nove esgrimia bem um florete e aos dez executava com habilidade um assalto á pistola, de maneira que aos dezoito annos era um rapaz forte e robusto, cheio de enthusiasmos, ávido de aventuras, de grande merito no manejo do florete e da pistola.

A um tempo marinheiro e soldado teve uma vida muito agitada e... dez duellos, de que sempre saiu vencedor.

E' do duello numero onze, que vamos tractar. O mal de que soffria e cujo character era uma paralytia nas articulações da tibia, obrigava-o a caminhar com difficuldade; as pernas, desviadas, impossibilitavam-n'o, por completo, de mover os joelhos.

Quando devia soffrer aquella natureza ardente aquelle leão acorrentado, decerto o calculam.

Para se distrair, tinha organizado um desafio á pistola no jardim; afim de vê-lo, fazia rodar a sua cadeira para o ponto onde elle se dava, e consagrava quasi todo o tempo em gosar este exercicio.

Passado, porém, algum tempo, um clinico fallou-lhe n'umas aguas de Pitons, na Martinica, que, segundo pretendia, eram de primeira ordem para a doença de que soffria, conseguiu o logar

de commandante a bordo de um navio mercante que se fazia de vela para Martinica e, apezar da sua enfermidade, ponde fazer o serviço que lhe competia, encostado a uma bengala, quando precisava de andar.

D'este modo, aportou a Martinica e principiou com o tractamento; em vez, porém, de melhorar peorou.

Aborrecido e desanimado por esta decepção, foi forçado a regressar á França soffrendo mais do que até então.

Emquanto durou a viagem, travou conhecimento com um passageiro creoulo, que tinha ao seu serviço um negrinho, e que tambem se chamava Anatolio.

Anatolio d'Y..., a quem, frequentemente, os soffrimentos tornavam caustico e mal-humorado, começou a falar com elle, notando a similitude do nome e dirigindo-lhe gracejos que não eram do gosto do creoulo que, exasperado, ergueu a mão contra elle.

Separaram-n'os immediatamente, mas o insulto tinha sido publico e por consequente o duello ficou combinado para quando aportassem ao Havre.

Como insultado, Anatolio d'Y... tinha a primazia na escolha das armas.

Ficou satisfeito por vêr que se podia bater ao florete afim de ter occasião de dar com boa vontade uma lição ao moço contra o qual, um dia antes, não se sentira animado com qualquer pensamento hostil.

Mas, como lhe custasse a pôr-se em pé, renunciou ao florete.

Teve então uma idéa: bater-se á pistola, a quinze passos e... sentado.

Depois de algumas discussões sobre o modo de regular este caso d'honra a proposta foi accéite.

Os padrinhos collocaram duas cadeiras á distancia indicada e de lado, de forma que os adversarios apresentavam o lado direito.

Ao signal: um... dous... tres... o moço creoulo caia inanimado no chão do jardim.

As testemunhas precipitaram-se; julgaram-n'o morto; procuraram-lhe a ferida, mas não encontraram cousa alguma e o pobre rapaz desmaiava, devido ao seu excitado de nervosismo, mas pouco tempo depois voltava a si.

Anatolio d'Y... ria-se deante d'elle porque a bala simplesmente furára um dos pés da cadeira, onde se collocára um papel para servir de alvo.

Naturalmente tinha a convicção de que o tiro falhava, n'esta posição tam desageitada para quem não está costumado; foi, pois, isto um estratagemma de que Anatolio d'Y... se serviu para atemorizar o seu adversario e, ao mesmo tempo, provar-lhe que era um bom atirador.

O moço creoulo é hoje official da Legião de Honra, condecoração que lhe foi concedida pelo seu bom comportamento durante a guerra de 1870, a qual dominou por completo o seu systema nervoso.

E os dous adversarios tornaram-se desde então amigos inseparaveis.

Trad. Henrique Marques Junior.

A REGATA DO DIA 29 DE MAIO

Promovida pela Real Associação Naval, Real Club Naval, Club dos Aspirantes de Marinha e Club Naval Madeirense, realisou-se no dia 29 de Maio a regata em que foi disputada a *Taça de Lisboa*, trabalho primoroso de cinzel e premio creado pelas associações nauticas para este fim.

A regata realisou-se ao longo da muralha do porto de Lisboa entre a doca de Santo Amaro e a estação de Belem, destinando-se para o publico recintos reservados em frente d'esta estação, cujo producto liquido das entradas reverteu a favor do Instituto de Soccorros a naufragos, de que Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia é presidente.

O jury era constituído pelos srs. Hypacio de Brion (Presidente), Joaquim Leotte, Virgilio Costa, Albino Menezes Leal, Pedro Navarro, Julio Cabral, Daciano M. Brandão, Alvaro Mello Machado e Fernando de Souza Magalhães.

As corridas foram quatro. Na 1.ª em que era disputada a *Taça de Lisboa*, tomaram parte os *Inriggers* de 4 remos: *D. Maria Pia*, da Real Associação Naval; *Altair*, do Club dos Aspirantes de Marinha; *Italia*, do Real Club Naval; e *Insula*, do Club Naval Madeirense.

Obteve o premio a guisa *D. Maria Pia*, que ganhou por tres comprimentos, ficando a *Taça de Lisboa* em poder da Real Associação Naval, e tendo a tripulação medalhas de *vermeil*.

Na 2.ª corrida, para *Outriggers* de 4 remos, tomaram parte *D. Carlos* e *D. Amelia*, ganhando o *D. Amelia* por um comprimento, sendo o premio uma medalha de *vermel*.

Na 3.ª corrida para *Inriggers* de 4 remos (Junior), tomaram parte: *D. Maria Pia* e *Idalia*, ganhando a tripulação da *Idalia* por 6' de avanço e dois comprimentos, sendo o premio uma medalha de *vermel*.

Na 4.ª corrida, para *Inriggers* de 6 remos (Seniors), tomaram parte *Alice* e *Chaimite*, a primeira da Real Associação Naval e a segunda do Club Naval Madeirense.

Esta corrida foi annullada por a *Chaimite* ter obrigado a *Alice* a sahir fóra da balisa.

O *Urupire* que era o sr. Fernando de Sousa Magalhães seguia os corredores no vapor *Trafaria*, sendo a policia da pista feita pelo escaler a vapor do



2.ª CORRIDA «OUTRIGERS» «D. CARLOS»

Vencedores srs. *Henrique Bastos*, timoneiro — *Arthur Ribeiro*, voga
Carlos Correia, sota voga — *Alberto Totta*, sota prôa
Francisco Gouveia da Silva, prôa

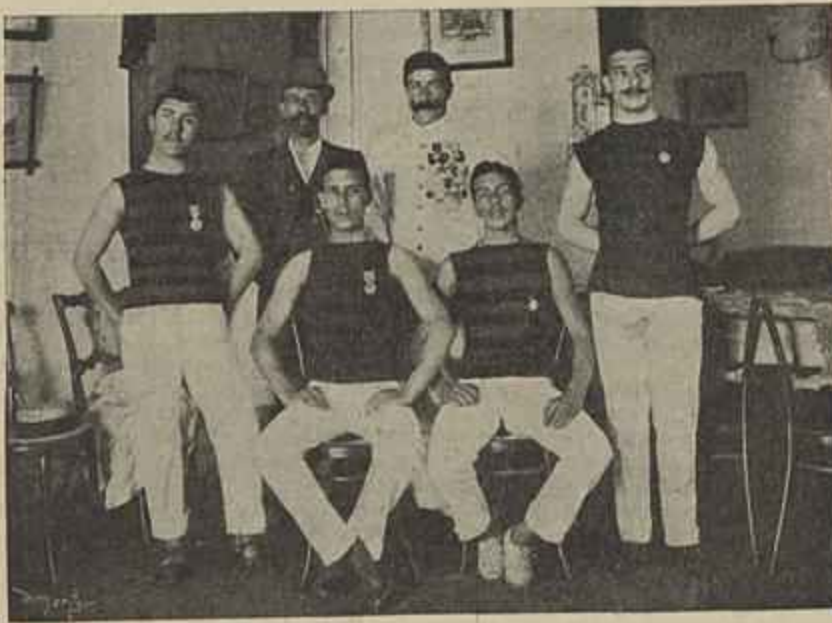
cruzador *S. Gabriel*, e onde iam os fiscaes srs. *Carlos Cabral*, *Campos Franca*, *Carlos Duff* e *Alvaro Poppe*.

Agradecimento

Os proprietarios do «*Comercio do Porto*», reconhecendo a impossibilidade de agradecer directa e pessoalmente a todos os seus collegas da imprensa, ás corporações e pessoas que os cumprimentaram por motivo do quinquagenario da fundação do «*Comercio do Porto*», servem-se d'este meio para tributar publicamente a todos o mais profundo reconhecimento.

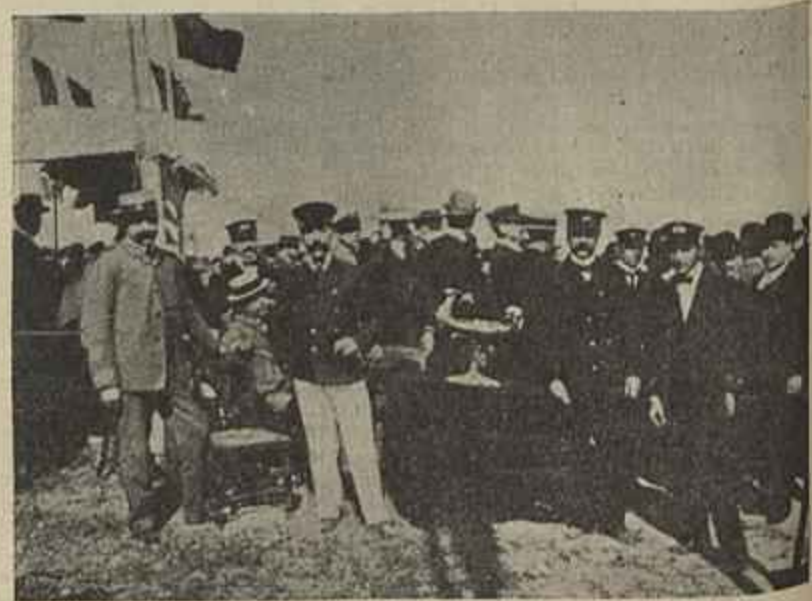
Porto, 4 de junho de 1904.

Francisco Cargeja
Bento Cargeja



VENCEDORES DA 3.ª CORRIDA «IDALIA»

Srs. *Hypacio Amado*, timoneiro — *Arthur da Costa Pereira*, voga
Armando Nunes Prade, sota voga — *Maximiano José Domingues*, sota prôa
Mario d'Oliveira Leite, prôa — *Annibal Generoso*, instructor



TAÇA DE LISBOA E JURY DA CHEGADA

Srs. *Albino Mendes Leal* — *Daciano de M. Brandão*
Virgilio Marques da Costa — *Pedro Navarro*

A REGATA DO DIA 29 DE MAIO (Instantaneos do sr. *Alberto Lima*)

LOJA DO LOPES

(Socio-gernote que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO

MODAS E ATELIER DE MODISTA

espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS } Senhora — ás 10 horas da manhã
Homem — ás 2 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

TONICO CASPECIDA

Preparado pharmaceutico

De A. DE SOUSA

E' producto que se usa em todo o tempo, não do mesmo genero dos que se empregam nos cabelleiros, mas que preserva a queda dos cabellos, dá-lhe força, não o embranquece, tira caspa, dastros e outros males que destroem as raizes. Applica-se tambem ás feridas da cabeça, inflamações de pelle, rheumatismo articular e nas lymphatites chronicas.

E' seu unico depositario em PERNAMBUCO

Alfredo Ferreira

Rua Barão da Victoria, 14

Vende-se em Lisboa, ao preço de 1000 réis cada frasco, franco de porte na

Drogaria e perfumaria de JOAQUIM DIAS

46 — Calçada do Combra — 48

Marca registrada

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 44, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

DE
Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor''das del.'' nasas,
clinica dentaria e collocação de dentas

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Albuns para bilhetes postaes illustrados

Chegou grande sortimento e variedade á casa Martins, praça Luiz de Camões, 35, Lisboa. Albuns para 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1:000 bilhetes illustrados.

Bilhetes postaes illustrados

Edição Martins. Os mais perfeitos e baratos do paiz e superiores aos estrangeiros. Duzia 200 réis e 100 por 1,500 réis. Ha TREZENTAS variedades para escolher. Monumentos, panoramas, edificios notaveis, costumes de todo o paiz, etc.